

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAE
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS – FIEI

DJONATA DIAS DA SILVA

VIDAS LGBT:

Ser índio e ser gay no território indígena xakriabá

Belo Horizonte - MG

2020

DJONATA DIAS DA SILVA

VIDAS LGBT:

Ser índio e ser gay no território indígena xakriabá

Trabalho de conclusão do curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas, Licenciatura em Línguas, Artes e Literatura, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais

Orientadora: Prof. Dra. Katia Pedroso Silveira

Co-orientador: Prof. Dr. Paulo Henrique Queiroz Nogueira

Belo Horizonte - MG

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus por ter me abençoado todo esse tempo e por ter me dado forças para chegar até o final, a minha família e amigos por sempre ter me apoiado e que de certa forma também contribuíram com minha formação. Agradeço em especial os colegas de turma da LAL e demais turmas.

A todos as pessoas que me concederam as entrevistas e compartilharam suas experiências de vida comigo para me ajudar na construção desse trabalho, em especial a Flávia Xakriabá.

Agradeço os caciques e lideranças, em especial aos mais velhos que são pessoas fundamentais e guardiões de todo conhecimento e que merecem destaque.

Gostaria de agradecer também a professora coordenadora da turma LAL Dr. Maria Gorete Neto pela paciência, coordenadores, secretaria e colegiado do FIEI, colegiado do FIEI, aos professores pela força e por ter me orientado da melhor maneira possível durante esses quatro anos de curso, pela preocupação e carinho com todos nós nos momentos bons e difíceis que passamos nessa jornada.

Deixo aqui a minha mais sincera gratidão a Professora Kátia Pedroso da Silveira e ao Professor Paulo Henrique Nogueira por ter aceitado esse desafio junto comigo, enfim a todos nós pelo maravilhoso trabalho.

RESUMO

Neste trabalho quero mostrar um pouco sobre vidas LGBT aqui no território Xakriabá, contando um pouco sobre minhas experiências de vida relacionando-as com outras vidas LGBT que vivem aqui, dando voz para aqueles que não são ouvidos. Fazer com que as pessoas saibam a importância de falar sobre esse assunto nas escolas, nas aldeias para que no futuro as pessoas olhem para nós com outros olhos, com mais respeito.

Meu maior objetivo com esse trabalho é fazer com que as pessoas falem sobre questões relacionadas a gênero e sexualidade, se eu conseguir isso já terei dado um grande passo rumo a um território mais tolerante que aceita e respeita as diversidades que aqui existem.

Palavras-chave: LGBT, Índio gay, Território Xakriabá, Homossexualidade.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. CONHECENDO O TERRITÓRIO	8
3. OS CAMINHOS DO TRABALHO	9
4. SER UM XAKRIABÁ GAY	13
5. CRIANDO RELAÇÕES ENTRE AS NARRATIVAS	18
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
7. BIBLIOGRAFIA	24

1. INTRODUÇÃO

Eu, Djonata Dias da Silva, tenho 22 anos de idade, nasci em 1998, sou da etnia Xakriabá. Moro na aldeia Tenda desde que nasci. Minha aldeia tem aproximadamente 330 famílias que vivem praticamente da agricultura e pequenas criações. Alguns vivem de aposentadoria e outros são servidores do Estado que atuam em diferentes funções.

Estudei na escola da minha aldeia dos anos iniciais até concluir o ensino médio em 2014. Particpei do processo seletivo do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, fui classificado, me matriculei e no segundo semestre de 2015 comecei meus estudos em Januária. Tudo era novo para mim, no início viajava todos os dias durante duas horas até chegar ao campus onde o curso Técnico em Enfermagem era ofertado. Em 2016 passei no curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI) ofertado pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Fiquei muito feliz ao saber que tinha passado, fui o único da aldeia classificado. Quando entrei no curso sabia que precisaria apresentar um trabalho ao final, mas não tinha ainda nenhum tema de percurso em mente.

Hoje, faltando pouco tempo para a conclusão do curso, escolhi falar sobre a questão LGBT no território Xakriabá. Este é um tema de pesquisa pioneiro, não existem trabalhos relacionados a questões de sexualidade e gênero desenvolvidos aqui. Além disso, faço parte da comunidade LGBT e vejo que é de grande relevância tratar desse assunto no contexto do meu povo. Espero seja uma contribuição tanto para que as pessoas que estão se descobrindo possam entender melhor o que é ser LGBT, como para que as famílias entendam e saibam lidar com essa situação.

2. CONHECENDO O TERRITÓRIO

O Território Indígena Xakriabá está localizado entre os municípios de São João das Missões e Itacarambi no norte de Minas Gerais. O território é extenso tendo aproximadamente 100 hectares e abarca parte dos Rios Itacarambi, Peruaçu e São Francisco, sendo banhado por outros pequenos rios temporários e permanentes. Nós fazemos parte do tronco linguístico Jê e da família akwen, da qual também fazem parte os povos Xavante e Xerente, apesar da luta pela revitalização da nossa língua materna, somos falantes de língua portuguesa.

Nosso território tem como principais características o cerrado e a caatinga. A vegetação é composta de árvores baixas com galhos tortos e raízes muito profundas. Nessa região podemos encontrar, com muita frequência, pés de pequi, cagaita, buriti, coquinho azedo, jatobá, aroeira, juazeiro, braúna, pau d'arco, jurema, imbu, itapicuru, pau jau, jenipapo.

O solo constitui-se de áreas rochosas, arenosas, montanhosas e planas. Nas partes mais altas podem ser encontrados os maciços de calcário, onde estão também as cavernas.

Há uma grande variedade de espécies de animais como onça, tatu, gambá, veado, capivara, preá, cutia, tamanduá, raposa, coelho entre tantos outros que fazem parte da nossa alimentação. Alguns já são difíceis de se ver por aqui devido a caça fora do tempo e o desmatamento.

O clima é quente durante todo o ano e a estação chuvosa, que aqui chamamos de tempo das águas, ocorre nos meses de outubro a março. O tempo da seca é o tempo em que os Xakriabá preparam o terreno para o plantio das roças. O tempo das águas é o tempo de mais fartura, no qual começamos a plantar nossas roças; plantamos milho, feijão catador, melancia, abóbora, andu, feijão.

Porém, com o desmatamento e com as mudanças no clima, essas duas estações se mostram, a cada ano, mais incertas, porque não chove mais no território Xakriabá como chovia antes. Isso faz com que as práticas dessas atividades que citei acima sejam afetadas diretamente. Se não chove, ninguém planta, e os que plantam acabam perdendo toda a roça por falta de chuva.

3. OS CAMINHOS DO TRABALHO

Quando prestei vestibular e conquistei uma vaga no FIEI, já tinha consciência de que teria que desenvolver um trabalho de conclusão ao longo de todo o curso e apresentá-lo no final. A princípio não tinha nenhum tema de pesquisa em mente, também não dava muita importância para isso naquele momento, porque ainda estava no início do curso. Mais tarde, no terceiro módulo do curso, tivemos que definir um tema para já começar o desenvolvimento do trabalho. Inicialmente decidi pesquisar sobre os remédios tradicionais que as mulheres Xakriabá usavam durante a gravidez e resguardo por ser um tema que me despertava bastante curiosidade. Ao longo do curso técnico em enfermagem a matéria que mais me chamava a atenção era a de cuidados voltados para a grávida e seu período de recuperação. Hoje o acesso ao atendimento médico é muito mais fácil, mas a gravidez é um momento muito feliz e perigoso porque podem ocorrer várias complicações ao longo de toda gestação. Tendo isso em mente, quis entender como as mulheres das aldeias lidam com essas situações, principalmente considerando que naquela época as mulheres davam à luz em casa mesmo, os médicos eram as parteiras. Queria compreender como essas parteiras agiam quando, por exemplo, as mulheres davam sinal de aborto espontâneo. Foi assim que cheguei no tema dos remédios tradicionais, esse universo para mim é muito grande em conhecimentos e eu queria adentrá-lo mais a fundo.

Meu objetivo com esse trabalho era dar visibilidade e fazer com que os conhecimentos acerca dos preparos dos remédios tradicionais do meu povo fossem registrados para que as gerações futuras pudessem também adquirir conhecimento dessa prática tradicional dos Xacriabá. Queria mostrar também o quanto o parto naturalizado é importante, tanto para a mãe, como para o seu bebê, com base nesses conhecimentos.

Porém, não estava muito satisfeito, vi que outras colegas já estavam fazendo seus trabalhos seguindo esse mesmo caminho da gravidez e resguardo. Então, quase já sem tempo, comecei a considerar a possibilidade de trocar de tema de pesquisa optando assim por falar sobre a questão LGBTQ no território Indígena Xakriabá. Sei que se trata de um tema difícil e muito pouco discutido, mas para mim que sou indígena e homossexual, que sempre me questioneei sobre tudo isso, seria essa uma ótima oportunidade para discuti-lo. Por anseio próprio e por ver que não temos

nenhum trabalho acadêmico voltado para essa temática no contexto xacriabá, por fim, me decidi por esse tema.

Quando comuniquei minha decisão para a Professora Maria Gorete, primeiramente ela me parabenizou pela coragem de tratar um assunto tão difícil e delicado como esse e, também, me aconselhou a ter bastante cuidado, já que esse tema causa muita polêmica. Ela se colocou a minha disposição para ajudar no que eu precisasse. Depois disso, fui falar com minha orientadora, Professora Katia Pedroso Silveira, sobre a mudança no tema. Mesmo não tendo muito conhecimento sobre o assunto, carinhosamente ela se dispôs a enfrentar essa empreitada comigo.

Em nossos encontros falei sobre minhas ideias para o trabalho e juntos fomos definindo um norte, queria com esse trabalho entender como os Xakriabá tratam esse assunto nas aldeias e como ele é visto dentro da cultura. Minha ideia inicial era entrevistar pessoas das diferentes faixas etárias e posições sociais que ocupam na comunidade e compreender melhor sobre seus pensamentos a respeito da homossexualidade no T.I. Xakriabá, lembrando que essa já é uma realidade, querendo ou não. Entretanto, ainda há muitos tabus em relação a esse tema, não queria gerar constrangimentos ou fazer parecer que estaria me colocando numa posição conflituosa com essas pessoas. Não sabia como seria a recepção e como reagiriam ao serem questionados sobre união de pessoas do mesmo sexo. Então, vi que talvez fosse melhor construir meu trabalho a partir dos relatos de meninas e meninos que se entendem como gays e lésbicas. Ao invés de entrevistar diversas pessoas do território, preferi ir ouvir os próprios pertencentes ao meio LGBTQ para entender como eles se sentem sendo indígenas e gays ou lésbicas, saber sobre suas experiências de vida e sobre a sua convivência com o povo xacriabá.

Até então, não queria me envolver de forma direta com o trabalho, queria falar de outras pessoas, mas não de mim. Entretanto, depois de muito pensar, resolvi falar também sobre minhas experiências.

Partindo disso, conversei com algumas meninas e meninos que me falaram sobre suas relações com a família e com o povo. A maioria delas relataram que a maior parte do preconceito e discriminação parte da própria família e que na aldeia, apesar de muitos desconfiarem de sua homossexualidade, nunca sofreram diretamente algum tipo de preconceito. Por conta disso não se assumem, por medo de passarem a serem discriminados. Outros dois, menores de idade, disseram que só esperam a maioridade e independência para se mudarem. Quem sabe, irem para as

idades por acreditarem que somente assim poderão viver suas vidas sem sofrerem com a rejeição da família.

No decorrer desse processo de coleta de informações tive alguns problemas, um deles foi que algumas pessoas com as quais estive conversando não quiseram, de jeito nenhum, serem gravadas ou filmadas. Mesmo eu garantindo que manteria total sigilo, tiveram medo que esse material de alguma forma chegasse até seus familiares. As duas únicas pessoas que inicialmente não tiveram receio em ser identificadas foram Flávia e outra menina que aqui estou chamando de Luna. Mesmo assim, poucos dias depois, Luna me mandou mensagem perguntado se eu teria que apresentar o trabalho para o povo Xakriabá. Eu disse que sim, então ela respondeu dizendo que acreditava que o trabalho só seria apresentado para a universidade, por isso decidiu dar seu depoimento, mas não autorizou que ele fosse apresentado para o povo, eu não poderia mencionar seu nome. Em sua visão, o povo ainda não está preparado para esse tipo de assunto, por mais que reconheça que devemos falar sobre isso, ela não gostaria que a parte dela no depoimento fosse exposta para o povo. Isso me trouxe muitas preocupações, ao mesmo tempo que eu queria fazer meu trabalho, não desejava que ele de alguma forma prejudicasse alguém. Depois disso, conversamos e me comprometi a não mencionar seu verdadeiro nome no trabalho, nem divulgá-lo de qualquer maneira.

Essa situação me deixou bastante desanimado. Esse é um tema muito delicado e quase ninguém quer falar ou sabe falar sobre ele e, finalmente, quando encontro pessoas dispostas a se manifestarem, não pude sequer fazer uma gravação. Isso me deu medo e comecei a pensar sobre como escreveria um trabalho com informações de outras pessoas sem ter algo além do caderno e partes dos relatos que fiz para comprovar a veracidade daquelas informações.

Outro problema foi que, tanto Flávia quanto Luna moram em outros estados, por conta de estudos e trabalho. Isso dificultou muito nosso encontro, tanto é que nossas conversas ocorreram via chamada de vídeo, áudios e mensagens.

Foram feitas ao todo sete entrevistas com jovens com idade entre 14 e 23 anos, 4 meninos e 3 meninas, de diferentes aldeias do território. Com o intuito de preservar suas identidades, nesse trabalho os chamarei de Luiz, Paulo, João, Mauro, Bia, Flávia e Luna todos são indígenas do Povo Xakriabá, que em suas aldeias desempenham as mais diferentes atividades. Deixo claro que esses não são seus nomes verdadeiros,

exceto o de Flávia Xakriabá que concordou em ser mencionada com seu próprio nome.

4. SER UM XAKRIABÁ GAY

Começo dizendo que ser índio no Brasil não é nada fácil, meu povo há anos vem lutando para que nossos direitos não sejam violados. Lutamos para garantir a demarcação de nossas terras, por saúde de boa qualidade, por educação que respeite e acolha nossas especificidades enquanto povo indígena.

Porém hoje em dia, com esse atual desgoverno, nossa luta tem sido para que a gente não perca tudo que já conquistamos até aqui. Como diz Célia Xakriabá, uma de nossas lideranças, “é inacreditável que as pessoas que estão no poder não sejam amigas de nós, indígenas”.

Da mesma forma, ser gay também não é fácil. A comunidade LGBT também vem, há muito tempo, lutando por igualdade, respeito e condições que permitam que possamos viver com segurança no país que mais mata essas pessoas no mundo.

E como é ser índio gay? De um lado temos questões culturais próprias do povo, do outro, temos uma sociedade cheia de ódio e preconceitos disfarçados de opinião, que atacam tudo que foge do padrão heteronormativo de ser.

Falar sobre a questão LGBT no território Xakriabá sempre foi e é um tabu, até para mim que sou indígena e homossexual. Ainda não se fala em questões relacionadas à sexualidade aqui. Sempre questionei o porquê de eu ser diferente das outras crianças, o porquê dos outros meninos fazerem piadinhas comigo, o porquê de eles me chamarem de mulherzinha, o porquê de eu gostar de brincar de boneca e não de “brincadeiras de menino”.

Até então eu sabia que gostava de meninos, mas não sabia o que eu era, será que sou menino? Será que sou menina? Sempre busquei algo que preenchesse essa lacuna.

Minha infância na aldeia foi muito tranquila. Gostava muito de brincar e na maioria das vezes, brincava sozinho porque, desde criança, nunca tive muitos amigos. Gostava de brincar de casinha, bonecas e de ser professor. Meu pai, sempre que podia, comprava carrinhos de brinquedo para mim e meus irmãos, mas eu não dava importância para aqueles brinquedos não. Gostava de brincar de casinha com outros dois meninos. Hoje não nos falamos mais, a mãe de um deles não gostava que o filho brincasse comigo, acredito que fosse por causa do meu jeito de ser.

Quando era tempo das roças, como ainda éramos pequenos e não aguentávamos trabalhar muito, meu pai só nos levava no tempo de plantio e colheita.

Eu adorava porque tinha aquelas bonecas de milho com cabelos grandes e coloridos então eu pegava aquelas mais bonitas e dizia que eram minhas filhas.

Várias vezes meus pais me pegavam brincando de boneca e não falavam nada. Certa vez, estava brincando e meu pai estava conversando com um grupo de amigos, então eu fui lá mostrar para ele a minha filha. Nesse dia ele me xingou, perguntou se eu tinha virado menina para brincar com boneca, então ele me bateu. A partir desse dia eu passei a não mais brincar com bonecas, meus pais trabalhavam fora o dia todo, então passei a cuidar das tarefas domésticas e fiquei responsável também por meus irmãos enquanto meus pais estavam fora.

Na escola eu era bom aluno, gostava de desenhar e nunca levei reclamação para casa, tirava boas notas. Recordo-me de uma vez que fui com uma blusa de frio feminina para a aula e tiveram alguns meninos que ficaram me “zoando”. Mais tarde no mesmo ano, como de costume, tem sempre as festas juninas e na escola todo ano tem quadrilhas típicas do mês de junho. Estudava na 7ª série e esse ano a quadrilha foi diferente, os meninos foram vestidos de meninas e as meninas foram vestidas de meninos. Não me lembro de ter visto ninguém “zoando” ninguém, já que todos os meninos estavam com roupas femininas, mas no dia que fui para a aula com roupa de frio feminina, uma única vez, fui motivo de piada para todos na sala.

Outra vez, quando eu tinha uns 9 anos, meu cabelo era comprido, estudava na parte da tarde e meu cabelo também era motivo de piada. Eles me chamavam de mulherzinha, puxavam meu cabelo, eu sofria muito. Gostava tanto do meu cabelo grande, mas um colega de sala grudou chiclete nele, então cheguei em casa chorando e pedi a meu pai para cortar, porque na escola os outros meninos estavam me chamando de mulherzinha.

Ainda na infância, muitas vezes eu não entendia o motivo de tanta piada, porque eu não sabia ainda o porquê dos outros meninos não gostarem de mim. Isso fez com que eu me distanciasse dos meninos e me aproximasse das meninas, a maioria delas eram minhas primas. Eu era bem aceito entre elas e me defendiam dos meninos.

Nunca sofri agressão física, único episódio que lembro, foi de um menino querendo me enforcar porque falaram para ele que eu gostava dele, era mentira, eu não o suportava. Hoje somos amigos e nos damos bem.

Quando conclui o ensino médio fui morar em Januária, cidade para onde me mudei por conta dos estudos. A essa altura, já compreendia em parte minha

orientação sexual. Foi aí que tive meu primeiro contato com a comunidade LGBT e várias coisas me foram esclarecidas, conheci outras pessoas iguais a mim, depois disso entendi o que eu era.

Nesse período eu já me relacionava escondido com outros garotos. Comecei a namorar um menino, mas para mim isso foi um processo muito complicado, porque, apesar de estar longe, sempre lembrava da minha família, sempre tive receio de que eles não me aceitassem como sou e de que o povo também não me aceitasse. Esse namoro foi um dos motivos que me encorajaram a assumir. Eu já estava sentindo uma grande necessidade em contar para meus pais porque, dentro de mim, crescia um sentimento de culpa, como se eu estivesse fazendo algo errado, já não aguentava mais esconder o que eu era, queria que aquele sentimento sumisse.

Tinha 18 anos de idade quando resolvi falar para meus pais, lembro que era quase noite quando cheguei em casa, minha mãe estava indo para a igreja e meu pai sentado no sofá assistindo TV. Chamei os dois e disse que queria falar uma coisa, mas que tinha medo. Comecei a chorar, minha mãe já desesperada perguntou o que estava acontecendo, então eu disse que era gay. Ela também começou a chorar dizendo que não era verdade que não aceitava, meu pai ficou calado, eu não tinha coragem de olhar nos olhos deles e só chorava.

Minha mãe saiu dizendo que não aceitava, meu pai me abraçou e disse que já sabia, que estava esperando eu falar e que isso não mudaria nada entre nós, que eu continuaria sendo seu filho e que me amaria do mesmo jeito. No entanto, ele só disse que não queria que eu mudasse meu jeito, se referindo a maquiagem, roupas, em outras palavras que eu não me tornasse uma “bicha afeminada”. Tinha muito medo de ser expulso de casa e não ser aceito porque meu pai sempre teve um jeito meio grosso de lidar com essas situações.

Fiquei um tempo fora de casa, 21 dias e nesse período minha mãe ainda não tinha me falado nada a respeito da minha orientação sexual, até que um dia ela me ligou perguntando se eu estava chateado com ela porque eu não tinha ligado mais. Eu disse que não, que só precisava de um tempo. Ela disse que independente de tudo, eu era filho dela e que me amava. Eu fiquei muito feliz ouvindo isso dela.

Meus avós não sabem ou se sabem não foi por mim. Não quis falar para eles por serem mais velhos e sei que não entenderiam. Meus tios sabem e me respeitam, não fazem brincadeiras de mal gosto e me incentivam sempre a estudar.

Hoje em dia temos uma ótima convivência. Sei que minha mãe não me aceita como sou, ainda me esconde por conta disso. Em casa essas questões de sexualidade são sempre difíceis e causam muito constrangimento para mim e meus pais, então desde aquele dia que me assumi para eles, a gente não conversa sobre esses assuntos.

Veza ou outra minha mãe me convida para ir à igreja com ela, mesmo sabendo que sou gay, no fundo ela tem esperanças de que eu “vire homem”. Na cabeça dela isso é obra do diabo, que Deus fez o homem e a mulher, Adão e Eva não Adão e Ivo, aquele típico discurso de pessoas evangélicas.

A partir daí, venho tentando entender mais e mais sobre a causa LGBT no contexto indígena, por ser um tema que causa muita estranheza, principalmente nos mais velhos, porque tiveram outro tipo de formação, num tempo onde não se falava sobre gays, onde a religião ensinava a eles que a homossexualidade era pecado, relacionando sempre a união de pessoas do mesmo sexo à coisas do demônio.

Costumo dizer que recebo duas vezes o tapa do preconceito, uma por ser um indígena que foge dos estereótipos criados pela sociedade não indígena, outra por ser um índio gay. Como todo gay, eu já sofri preconceito e sofro.

Hoje não sou assumidamente gay para toda aldeia, tenho uma boa convivência com as pessoas e sou respeitado pelos que sabem de minha história. Sou participativo em todos os movimentos que acontecem aqui na aldeia ou no território. Apesar de poucos saberem de minha orientação, nunca tive nenhum problema com ninguém aqui na aldeia. Hoje sou técnico em Enfermagem não atuante e estou prestes a me formar como professor indígena.

Para mim isso é uma grande conquista, porque apesar de tudo, não deixei me abater por críticas, preconceito e homofobia, estou conseguindo conquistar tudo que quero.

As pessoas da aldeia apesar de serem compreensíveis, ainda não têm muitas informações sobre o universo LGBT, são despreparados para esse tipo de assunto. Os mais velhos falam que, no tempo deles, não existia isso de homem ficar com homem e mulher ficar com mulher, que isso é falta de surra e de Deus. Essa fala partiu de uma pessoa da minha própria família, me senti mal por ter ouvido isso, eu compreendo o que ela disse, antes as coisas eram diferentes, não se ouvia falar em gays, lésbicas, transexuais, travestis nas aldeias. Eram coisas proibidas que para eles não faziam parte da nossa cultura.

Parto da ideia de que, muitas informações que chegam às aldeias hoje em dia, chegam através da televisão, da internet, do rádio. Antes não existiam essas tecnologias nas aldeias, por isso não culpo os mais velhos por terem esse tipo de pensamento, muitas vezes, intolerante.

Antes, os casamentos eram arranjados pelos pais, talvez por isso não se ouvia falar em gays. Antes mesmo das pessoas entenderem sua orientação sexual ou identidade de gênero, eram obrigadas a casar com quem os pais quisessem.

As pessoas mais novas entendem melhor essas questões, já têm um maior acesso a esse tipo de informação, hoje em dia, diferentemente de quando eu era criança que nem sabia que existia um termo que me definisse.

5. CRIANDO RELAÇÕES ENTRE AS NARRATIVAS

Durante um período estive conversando e ouvindo alguns meninos que também se identificam como gays. Não farei aqui menção a nomes e aldeias, a fim de preservar a identidade dessas pessoas. Entre os relatos que ouvi, um deles me chamou atenção, um dos meninos disse que apesar de não ser assumido, muitos outros garotos e até homens héteros casados já quiseram se relacionar com ele, mas secretamente.

Sei de casos de homens casados que ficam com os meninos, mas como é eles que tão pegando, que estão por cima, né, aí dizem que não são gays e até ameaças fazem se o menino contar pra alguém.

Já teve alguns meninos que já quis ficar comigo com a desculpa de ter curiosidade, mas quando estão num grupo de amigos assim ficam me olhando torto, acho que com medo de eu falar alguma coisa. (Trecho retirado de entrevista feita com Jovem Luis, 17 anos, sexo masculino. Terra indígena xakriabá, outubro 2019).

Não estou dizendo que essa prática aqui é comum e não estou generalizando, mas eu também já passei por situações parecidas a que o Luis conta. Já me relacionei com um homem que, toda vez que nos encontrávamos, dizia que não era gay porque era o ativo da relação. Ou seja, partindo desse ponto de vista, tudo bem você se relacionar com outro homem, desde que você não seja o que age com passividade. Muitas vezes nos veem como objeto sexual, alegando sempre que não são gays. Pela lógica essas pessoas ou são gays ou bissexuais, uma vez que heteros não sentem atração pelo mesmo sexo.

No livro “O que é homossexualidade”, de Peter Fry e Edward MacRae, eles trazem uma situação semelhante a essa que acabei de contar que acontece entre os índios Guaiiqui, onde Krembégi era homossexual e vivia entre as mulheres e não exercia funções, as “funções de homem”. No entanto, os homens caçadores o procuravam para ter relações sexuais, mas isso não afetava de maneira nenhuma a masculinidade daqueles homens.

O que parece mais ou menos claro é que, nesta sociedade, uma forte distinção entre masculinidade e feminilidade é acompanhada por uma igualmente forte distinção entre “atividade” e “passividade” sexual. Assim, os homens que mantiveram relações sexuais “ativas” com Krembégi não sofreram nenhuma alteração no seu status de homens. (Fry e MacRae, ano 1985, p.35;36)

Diferentemente da sociedade Guaiáqui, aqui no T.I. Xakriabá quando homens heteros se relacionam com gays, é sempre escondido, não é algo permitido e bem visto pela sociedade xakriabá, mas se por ventura alguém souber desse caso, o homem que agiu como “ativo” não sofre alteração de status, não são chamados de “viados”, assim como nos Guaiáqui. Como se o fato de serem ativos os tornassem menos gay, quem sempre sai do lado ruim é o que age com passividade, sendo sempre chamado de “bicha”.

Como já afirmei, não estou aqui dizendo que todos os homens xakriabá fazem essas coisas, só estou explicitando algo que no meio LGBT, tanto no contexto indígena, como no não indígena acontece e digo isso por experiência própria.

No território Xakriabá, quando se fala em homossexualidade, a impressão que fica é que as garotas lésbicas sofrem menos preconceito e discriminação do que os meninos, como se houvesse uma maior aceitação do lesbianismo. Percebo isso ao comparar os relatos entre as meninas e meninos com quem estive conversando. Quando perguntei sobre isso à Flávia Xakriabá que é estudante de jornalismo, lésbica e ativista indígena, ela respondeu que vê muito mais casos de homossexuais meninos, que apesar de conhecer, ela sabe de poucos casos de meninas lésbicas e que as que conhece são bem mais discretas, que só ela sabe quem são.

Então, eu não sei dizer se há uma aceitação maior, mais por parte de meninas do que de meninos, porque as meninas que eu sei, tipo é só eu que sei, de meninos tem mais casos e que pessoas mais sabem, de verdade eu não sei dizer se existe uma aceitação maior de lésbicas do que de gays, mas vendo por esse ângulo eu acho que realmente a “zoação” com os meninos é bem maior porque tipo, ninguém nunca chegou a mim me “zoando”, fazendo piadinha, eu acho que vocês sofrem mais. (trecho retirado de entrevista

feita com Flavia Xakriabá, via Whatsapp, setembro de 2019)

Para Bia, na verdade, o que acontece é que o povo acha muito mais feio dois homens se relacionando do que duas mulheres.

Aqui a mulher quase nunca é levada a sério, então tudo bem a mulher ficar com outra que o povo não importa muito, principalmente se for uma menina que já namorou com meninos aí eles acham que é vício, que só tão querendo fazer graça. Os meninos não, se o povo sabe que ele é gay e olhar de forma diferente pra outro homem que não é já é motivo de confusão, se eles não tomar cuidado pode até apanhar. (trecho retirado de entrevista feita com Bia, 17 anos, sexo feminino, terra indígena xakriabá, outubro de 2019)

Para muitos, os gays querem se tornar mulher, têm uma ideia muito distorcida sobre a homossexualidade, pensam mais nela como identidade de gênero que é como a pessoa se identifica, do que como orientação sexual que diz respeito à atração sexual. A meu ver, isso torna as coisas ainda mais difíceis do que já são para aqueles que pensam em assumir sua sexualidade perante o povo.

Conversando com outros garotos gays, a maioria disse que tem medo do julgamento do povo, que a pior parte disso tudo não é nem se aceitar como gays, mas, de não saber lidar com a rejeição da família, dos amigos e do povo. Um desses garotos disse que sofre tanta pressão por parte dos outros adolescentes que se relaciona com meninas por conta disso, ele finge ser hetero para ser aceito num grupo de amigos.

Eu finjo que gosto de meninas porque os outros meninos ficam “zoando”, eu acho ruim, mas eu acabo ficando com elas pra eles deixar de encher o saco. (trecho retirado de entrevista feita com Paulo, 15 anos, sexo masculino, terra indígena xakriabá, Outubro 2019)

É uma situação difícil principalmente para quem é adolescente. Além de carregar os problemas que chegam com a puberdade, momento da vida que traz muita confusão e insegurança, também estamos descobrindo nossa própria sexualidade.

Já as meninas com quem conversei e que aqui também não citarei nomes, disseram não ter nenhum problema com essas questões. Dizem que as outras meninas as entendem e que não sofrem nenhum tipo de preconceito ou xingamentos, às vezes, uma piadinha de mal gosto que logo é esquecida. Porém, essas garotas de quem me refiro não são garotas assumidas para a família, somente as amigas mais próximas sabem de sua sexualidade. Dizem que não se assumem para a família por causa do medo que sentem, por não saberem como irão reagir seus familiares. Como já disse anteriormente, o povo xacriabá, apesar de ser muito compreensível, ainda é um povo muito machista, para o qual a mulher e o homem devem se comportar como mulheres e homens. Tudo que foge dessa concepção de sociedade causa muita estranheza, principalmente para os mais velhos.

Um exemplo disso é a divisão social do trabalho definida aqui de acordo com o sexo, enquanto os homens são responsáveis por prover o sustento da família, cuidar da roça, as mulheres são encarregadas de cuidar dos filhos e da casa. Aqui para que o menino se torne homem, ele precisa saber trabalhar na roça, manusear uma enxada e outras ferramentas de trabalho, se ele não sabe não é homem ainda.

Inúmeras vezes ouvi familiares me dizerem que, ainda bem que eu estudo e posso arrumar um emprego na sombra, porque se fosse pra eu viver da roça, minha família e eu morreríamos de fome, já que não sei trabalhar na roça. Na cabeça deles ainda não sou homem.

Como a história do arco e do cesto, dos Guaiáqui, contada por Pierre Clastres no livro “A sociedade contra o estado” de 19... De acordo com o autor, as mulheres não podem tocar no arco por ser um instrumento de uso masculino e os homens não podem ter um cesto porque é de uso exclusivamente feminino. Entretanto, entre eles havia dois homens que carregavam cestos, Chachubutawachugi e Krembégi, a diferença é que o primeiro, não mais possuía um arco e por isso as mulheres não o queriam, já Krembégi vivia entre as mulheres e desempenhava muito bem as tarefas femininas, era homossexual.

Quero dizer que se no contexto Xacriabá as coisas funcionassem como no contexto Guaiáqui, quando um homem faz as tarefas domésticas, ele é igual a Chachubutawachugi, que não é homossexual, mas é considerado menos homem em

relação aos outros homens. Por outro lado, quando são gays, podem ser equiparados a Krembégi que quer se tornar mulher.

Aqui raramente você vai ver um homem desempenhando tarefas domésticas básicas como lavar uma louça ou cozinhar, por exemplo, alguns ainda na intimidade ali com sua família ainda o fazem, desde que ninguém que não seja do seu convívio veja para não dar motivos para piadas. Da mesma forma as meninas, para que se tornem mulheres é preciso que saibam cozinhar e cuidar da casa, para que arrumem um homem para se casar. Não é comum que elas desempenhem tarefas masculinas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Início este trabalho falando um pouco de mim, sobre minha trajetória até minha chegada a UFMG.

Depois apresento o Território Xakriabá falando sobre suas características mais fortes.

Na segunda parte mostro a metodologia que usei nessa construção, dando mais enfoque para os desafios e dificuldades que tive para falar de um tema que gera ainda muita dúvida, medo e insegurança.

Na terceira parte volto a falar sobre mim, dando mais ênfase as minhas próprias experiências de vida, de como me sentia e sinto, desde criança até os dias de hoje, mostro uma parte de minha história que poucas pessoas ou talvez ninguém até então conheciam.

Por fim, faço a análise dos dados que coletei durante todo o processo de construção deste trabalho, focando nas pessoas que me ajudaram e suas narrativas, relacionando-as com as minhas e com as dos livros que me serviram de apoio.

Esse trabalho foi importante, porque permitiu que eu desse voz para outras pessoas que puderam compartilhar suas experiências vividas, também porque possibilitou que eu me expressasse melhor sobre como é ser um índio gay no Território Xakriabá. Digo que apesar de ter contado com a colaboração de outras pessoas, esse trabalho tem muito de mim, sinto como se fosse um filho meu.

Com ele pude perceber que meu povo ainda não está preparado para falar de assuntos relacionados à sexualidade das pessoas, mas também aprendi que talvez não estejamos muito longe do momento que eles vão se interessar em aprender e falar sobre o tema. Os Xakriabá são um povo que gosta de aprender, tudo que passa a fazer parte de nossa realidade acaba se tornando aprendizado. Considero meu trabalho como um primeiro passo.

7. BIBLIOGRAFIA

FRY, Peter; MacRAE, Edward. **O que é homossexualidade?** Editora Brasiliense, São Paulo, 1983.

CLASTRES, P. **A sociedade contra o estado – Pesquisas de Antropologia política**, tradução de Theo Santiago – Editora Francisco Alves, 5ª Edição, 1990.